Apontamentos para a construção de espetáculo com idosos não-atores

Beatriz Pinto Venancio
Universidade Federal Fluminense (professora adjunto IV)
Doutora em Teatro - UNIRIO

Resumo: O trabalho com teatro junto a grupos de idosos não-atores vem apresentando interessantes processos de criação. Após onze anos de experiência com um grupo fixo, temos variado os recursos para a produção do texto criado coletivamente. Durante este ano, trabalhamos com exercícios que privilegiaram a composição do roteiro a partir de fragmentos de memórias sobre filmes. Sons, palavras, ruídos, frases e relatos que se relacionam com as lembranças do cinema foram reunidos, embaralhados e reorganizados para a elaboração do espetáculo.

Palavras-chave: memória, velhice, não-atores

O olhar de governantes, especialistas e estudiosos sobre os indivíduos idosos é intensificado a partir dos anos 1960 na Europa, e 1980 no Brasil. Com a criação das Universidades para a Terceira Idade que, rapidamente, se espalharam pelo mundo, os trabalhos no campo das artes ganharam expressão com este grupo etário.

Desde o verão de 1999, coordeno um grupo fixo de idosos não-atores. Nosso trabalho inclui exercícios de oficina, construção de um acervo de memórias destes participantes, criação do texto com as lembranças presentes no acervo e montagem dos espetáculos.

Para cada espetáculo, experimentamos modos de trabalhos diferentes, diversos provocadores de memória e variados caminhos para os processos de montagem. São essas “tentativas” que alimentaram e alimentam a nossa pesquisa, tanto no trabalho com memória e teatro, pedagogia do teatro e com o estudo do que poderíamos chamar de uma estética da memória. Com a longa estrada que tenho nesta área, devo dizer que o trabalho não é fácil. Fugir do puro entretenimento, da mera ocupação do tempo e da condescendência com o resultado por ser um grupo de “velhinhos” é o primeiro pacto a ser feito. É preciso desconstruir estereótipos em relação à velhice, intensificar o trabalho de oficina para qualificar estes não-atores e partir do conhecimento e da história de vida do grupo. O material bruto que surge nas improvisações é extremamente rico e permite um interessante trabalho de criação e invenção. As memórias são a matéria prima para exercícios e improvisações que vão colorindo e, em parte, atribuindo elementos ficcionais às histórias originais. A adaptação e recriação de exercícios torna-se um desafio constante. Não se trata de capacidade e habilidade menor da pessoa idosa, mas de condições físicas e agilidade de movimentos que a maioria de nós vai perdendo com o tempo.

Durante este último ano, trabalhamos a criação de um espetáculo fundamentado nas lembranças do grupo sobre filmes que marcaram as suas vidas. O primeiro passo foi criar um ambiente de invenção, partindo de suas lembranças. Iniciamos com os sons. Em

todos os filmes, alguns sons ficam marcados em nossa memória, sejam gritos de terror, gargalhadas, ranger de correntes ou velhas portas, trote de cavalos ou ventos uivantes. Foram estes os elementos trazidos em algumas oficinas e trabalhados de maneiras variadas para ganhar teatralidade, como na foto 1 abaixo, da Oficina do dia 28 de abril de 2010, “sons presentes nos filmes”.

Foto 1 – “sons presentes nos filmes” Oficina de 11/08/2010

Inicialmente pedia o som, depois o som e o gesto, apenas o som baixo e contido, alto, gritado e exagerado. Enfim, a construção de um texto com estes sons, um texto com ritmo, quase uma música. Em círculo, cada um soltava o som seguido do outro. Depois, andando pelo espaço de jogo ou espaço estético (BOAL, 1999), criando um ambiente de atenção, ritmo e expressão corporal, cada um deveria dizer o seu som preenchendo ao mesmo tempo o espaço vazio e o silêncio, sem que as vozes se chocassem, sem que o espaço fosse invadido por uma ocupação desequilibrada.

Partimos então para as frases marcantes, que passaram pelo mesmo processo de exercícios descritos acima. Nesta etapa, foram selecionados pelo grupo frases também retiradas de filmes. Os participantes escolheram falas que atravessaram gêneros diversos,

desde as comédias aos filmes românticos, passando pelos temas religiosos. Com os sons e as frases, construímos o início do espetáculo com o palco escuro e todos em cena. Da plateia, escuta-se o texto construído de fragmentos, surgido a partir de inúmeros exercícios, como poderá ser observado na Foto 2 abaixo. A última frase dita é "Abre-te Sésamo!"[1]. As luzes acendem e a primeira cena do filme Madame X[2] inicia.

Foto 2 – "frases de filmes" Oficina de 11/08/2010

Estes elementos foram as ferramentas que utilizamos para provocar a memória de filmes. Os relatos que surgiram, já chegaram misturados em suas histórias de vida. O filme não aparecia neutro, como um relato puro, mas associado ao primeiro encontro com o namorado ou a repreensão do pai, com o momento que o país estava passando ou com o tipo de roupa que se usava, com os atores da época ou o impacto das mudanças de costumes.

[1] Frase usada por Ali-Babá em As mil e uma noites. Tratava-se da senha para abrir a porta do esconderijo dos quarenta ladrões.

[2] Filme de 1966, dirigido por David Lowell Rich, com Lana Turner e John Forsythe.

A costura dos relatos e filmes selecionados foi feita em conjunto com o trabalho de improvisação. Percebemos a importância das músicas presentes nos filmes escolhidos e com elas também trabalhamos. De que modo estas músicas iluminaram encontros e eventos da vida de cada um? Utilizamos também as músicas como provocadores de memória e depois do roteiro organizado, algumas se tornaram recurso para passagem de uma cena para outro, como *"As time goes by"* de Casablanca[3]

O texto final incorporou cenas de sete filmes escolhidos pelo grupo, cenas que misturaram conteúdos reais dos filmes e conteúdos que estavam presentes nas memórias do grupo sobre os filmes. Quem assistir ao espetáculo, com estreia marcada para novembro próximo, com certeza, reconhecerá os filmes presentes ali, mas encontrará também, entre o filme real e o que ali é mostrado, uma belíssima névoa que esfumaça a história tirando a nitidez, como acontece em todos os trabalhos da memória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *O arco-íris do desejo. Método Boal de teatro e terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Jouer, représenter*. Paris: Cedic / Nathan, 1985.

_____. L'improvisation. *Théâtre éducation et société.* Cahiers n.11, Paris, p. 112-121, 1991.

VENANCIO, Beatriz P. *Pequenos espetáculos da memória*. Registro Cênico-dramatúrgico de uma trupe de mulheres idosas. São Paulo: Hucitec, 2007.

[3] Filme clássico americano de 1942, dirigido por Michael Curtiz.